FACULDADE DE LETRAS
Universidade do Porto

GUIA DO ESTUDANTE

Sociologia

4º ano

EDIÇÃO DO CONSELHO DIRECTIVO
1991/92

FACULDADE DE LETRAS
Universidade do Porto

GUIA DO ESTUDANTE

XII

EDIÇÃO DO CONSELHO DIRECTIVO
1991/92

Guia do Estudante da FLUP. SOC: 4º Ano
Vol. 12, 1991-92
Publicação Anual

Dactilografia: Margarida Santos
Execução e Impressão: Oficina Gráfica
Tiragem: 100 exemplares

INTRODUÇÃO

GUIA DO ESTUDANTE - 1991

INTRODUÇÃO

Esta 12ª edição do Guia do Estudante, referente ao ano lectivo de 1991-92, pretende continuar a cumprir os objectivos contemplados numa publicação deste tipo; fornecer o máximo de informação relevante a todos quantos integram a Faculdade de Letras do Porto.

Embora tendo como destinatário principal o corpo discente, o Guia será igualmente instrumento útil para docentes e funcionários, em áreas tão diversas como, por exemplo, as normas de avaliação, as possibilidades de utilização da Biblioteca Central e de outros serviços ou algumas das mais recentes publicações editadas no âmbito da FLUP. Mas serão os conteúdos programáticos das cadeiras leccionadas nos diversos cursos a componente dominante desta publicação, contribuindo necessariamente para uma melhor orientação dos alunos relativamente ao estudo das diferentes matérias.

Pretende assim o Conselho Directivo, para além da articulação sempre fundamental com os restantes órgãos de gestão e com a Associação de Estudantes, delinear as principais linhas de força do funcionamento da Faculdade em 1991-92 e sublinhar alguns dos direitos e deveres que os membros da FLUP terão no seu quotidiano e no seu horizonte.

Porto e Faculdade de Letras, Setembro de 1991

O PRESIDENTE DO CONSELHO DIRECTIVO

****

ÓRGÃOS DE GESTÃO DA FACULDADE

Assembleia de Representantes
Conselho Directivo
Conselho Científico
Conselho Pedagógico
Conselho Administrativo
Conselho Consultivo.

****

SERVIÇOS DA FACULDADE

A - Secretaria

Sector de Matrículas e Inscrições
" de Equivalências
de Mudanças de Curso.
Horário normal de abertura ao público:
de 2ª a 6ª feira: 12H00 - 16H00
Encerra ao Sábado.

B - Tesouraria

Horário de atendimento:
de 2ª a 6ª feira: 9H30 - 11H30
14H30 - 16H30
Encerra ao Sábado.

C - Biblioteca Central

A Biblioteca Central constitui um serviço de fundamental importância da FLUP e por isso tem merecido uma atenção particular por parte dos Conselhos Directivos.

São utentes de direito da Biblioteca os docentes e os alunos da FLUP. Em casos devidamente justificados, porém, outras pessoas podem utilizar os seus serviços, nomeadamente a pesquisa na Base Nacional de Dados Bibliográficos ("Porbase").

Para consulta das obras da Biblioteca Central os alunos devem possuir o cartão de leitor, revalidado todos os anos depois de efectuadas as inscrições.

1. Tipos de leitura:
a) de presença: na Sala de Leitura (horário afixado);
na Sala de Obras de Referência (livre acesso);
b) domiciliária: normas regulamentares afixadas na Sala de Leitura.

2. Sala dos Catálogos:
a) Onomástico
b) Didascálico
c) CDU (Classificação Decimal Universal)
c) Cardex (Publicações Periódicas)
d) "Porbase" (através do terminal ligado em linha à Base Nacional de Dados Bibliográficos)
e) Base de dados local.

Como aceder à Base Nacional de Dados Bibliográficos:

1.Digite: GEAC.

2.Carregue tecla ENTER.

3.Digite: CAT.

4.Siga as instruções que aparecem no écran.

5.Se tiver dificuldade, dirija-se ao funcionário da Biblioteca, que dará as indicações necessárias para estabelecer a ligação.

Nota. As obras entradas depois de 1988 encontram-se integradas no ficheiro da Base Nacional de Dados Bibliográficos ("Porbase"), pelo que não devem ser procuradas nos catálogos tradicionais.

Tanto os catálogos tradicionais como a "Porbase" incluem também obras de alguns Institutos e Centros sediados na Faculdade, identificáveis pelas respectivas siglas.

Como é de norma em todas as Bibliotecas, as obras classificadas de "Reservados", as de "referência" (dicionários, enciclopédias), as teses e as revistas e publicações periódicas não podem ser requisitadas para leitura domiciliária.

O mesmo se aplica às obras pertencentes ao "Fundo Primitivo".

3. Horário de leitura:

2ª a 6ª feira: 8H30 - 18H00
Sábado: 9H00 - 11H30.

4. Leitura de presença

4.1. Obras em depósito.

4.1.1. Para a leitura de presença, o leitor só pode requisitar 3 obras de cada vez.

4.2. Obras em livre acesso (Sala de leitura e de Referência)

4.2.1. A estas obras poderá o leitor aceder directamente, ficando estabelecido que não deverá voltar a colocá-las nas estantes, mas num local designado para esse efeito.

5. Leitura domiciliária

5.1. Podem ser requisitadas 3 obras diferentes simultâneamente.

5.2. O empréstimo de obras para leitura domiciliária processa-se entre

as 14h e as 18h e a sua devolução deverá ocorrer impreterivelmente 48 horas depois de terem sido requisitadas.

5.3. As requisições das mesmas obras podem ser renovadas, quando não haja prejuízo para outros leitores.

6. Os alunos invisuais dispõem do aparelho Optacon oferecido pela Fundação Calouste Gulbenkian e instalado na Biblioteca Central.

7. Estão disponíveis para pesquisa em CD-ROM diversas bases de dados cuja utilização obedece a um regulamento afixado na Biblioteca.

8. Serviço de informação bibliográfica da Biblioteca Central da Faculdade:

Boletim Bibliográfico (Semestral), 1979 ss.

Núcleo de Teses Existentes na Biblioteca Central da F.L.U.P., "Boletim Bibliográfico - Anexo I", Porto, 1989.

Trabalhos de Docentes da F.L.U.P., "Boletim Bibliográfico -Anexo II", Porto, 1989.

Núcleo das Obras que constituem o Fundo Ultramarino da Biblioteca Central da F.L.U.P., "Boletim Bibliográfico - Anexo III", Porto, 1990.

Núcleo Documental do Instituto de Estudos Norte-Americanos, "Boletim Bibliográfico - Anexo IV", Porto, 1990.

Bibliografia Temática:

1- "Biblioteconomia e Documentação", 1989.

2- "Educação, Pedagogia, Didáctica", 1989.

3- "Biblioteconomia, Documentação, Arquivística", 1989.

Boletim de Sumários, 1988 ss.

Reservados da Biblioteca Central, 1ª ed., 1989; 2ª ed., 1990

Núcleo Documental do Instituto de Estudos Ingleses, Porto, 1991

Para além da Biblioteca Central, existem na Faculdade Institutos, Salas e Centros de Investigação (estes dependentes do INIC):

Instituto de Estudos Ingleses
" de Estudos Norte Americanos
" de Estudos Germanísticos
" de Geografia
" de Cultura Portuguesa
" de Arqueologia

" de Documentação Histórica Medieval
" de Filosofia e História da Filosofia
" de História de Arte
" de Língua Portuguesa
" de Literatura Comparada
" de Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa
" de Sociologia
" de Ciências da Educação

Sala Francesa
" Brasileira
" Espanhola
" Neerlandesa
" de História Moderna
" de História Medieval

Centro de História
" de Linguística
" de Estudos Semióticos e Literários.

Dependente da Reitoria da Universidade, mas sediado na FLUP, funciona o Centro Norte de Portugal-Aquitânia (CENPA).

Obs.: O acesso de alunos a algumas destas unidades está condicionado, de acordo com as normas da direcção de cada uma delas.

****

C - Oficina Gráfica - Balcão de Vendas

Serviço de reprografia da Faculdade e de venda de publicações; apoia as actividades pedagógicas, de investigação e administrativas da escola. Preçário fixado pelo Conselho Directivo.

Horário de atendimento ao público:
2ª a 6ª feira: 8H30 - 19H30
Sábados: 9H00 - 12H30.

****

BAR

Presentemente, o serviço de cafeteria e de "snack" é assegurado por exploração dependente da Associação de Estudantes da Faculdade.

Horário:
2ª a 6ª feira: 8H30 - 19H00
Encerra ao Sábado, normalmente.

****

PARQUE DE ESTACIONAMENTO

Reservado aos elementos da FLUP. Entrada pela Travessa de Entre Campos. Possui zonas demarcadas, que devem ser respeitadas para comodidade de todos. Chama-se particular atenção para a área reservada à viatura da Faculdade, que deve manter-se sempre desimpedida.

No interior do parque aplicam-se todas as normas jurídicas sobre responsabilidade civil por danos causados a terceiros.

Horário:
2ª a 6ª feira - 7H30 - 23H00
Sábados- 7H30 - 13H00.

****

ACTIVIDADE ESCOLAR

A. Cursos de Licenciatura
História (Variante Arte; Variante Arqueologia)
Filosofia
Línguas e Literaturas Modernas (Est. Port; Est. Port/Franc; Est. Port/Ingl; Est. Port/Alem; Est. Ingl/Alem; Est. Franc/ Alem; Est. Franc/Ingl.)
Geografia
Sociologia.

B - Cursos Profissionalizantes:
a) Ramo educacional:
regime transitório
regime normal (3º e 4º anos).
b) Tradução (regimes transitório e normal).

C - Cursos de pós-graduação:
a) Mestrados: História Medieval
História Moderna e Contemporânea
História da Arte
Arqueologia
b) Curso de Especialização em Ciências Documentais - Opção "Bibliotecas e Documentação"; Opção "Arquivos"

D - Curso de Português para Estrangeiros.

****

INDICAÇÕES PEDAGÓGICAS (Síntese):

Os alunos devem ter em atenção o regime e tabela de precedências em vigor, assim como as Normas de avaliação aprovadas pelo Conselho Pedagógico.

1. RAMO EDUCACIONAL:

Regime transitório:

1º ano:
a) obrigatoriedade de frequência mínima a 2/3 das aulas;
b) os alunos que concluem a licenciatura têm direito a candidatar-se à inscrição no 1º ano no primeiro curso aberto após a conclusão da licenciatura;
c) equivalências concedidas:
em Filosofia: Filosofia da Educação a Introdução às Ciências da Educação;

em LLM: Didáctica da Língua Inglesa a Metodologia do Inglês.

2º ano:

a) estágio nos locais fixados pela Direcção Regional de Educação do Norte;

b) seminário semanal na Faculdade (3 horas);

c) admissão ao estágio com aproveitamento em todas as disciplinas do 1º ano (na época de Julho; os alunos que terminam o 1º ano do regime transitório na época de Setembro em princípio só podem concorrer a lugares de estágio em Julho do ano seguinte).

Regime normal (Port. 850/87):

1. Candidaturas à inscrição, no 3º ano, nas disciplinas de:
"Introdução às Ciências da Educação" (ICE), em todos os cursos,
e
"Psicologia e Desenvolvimento da Aprendizagem" (PDA), em História e Filosofia.

2. Para poder candidatar-se ao ramo educacional - regime normal - o aluno deve estar em condições de passagem para o 3º ano do curso (isto é, com o máximo de duas disciplinas em atraso).

3. A média para seriação dos candidatos é calculada com base nas classificações da totalidade das disciplinas do 1º e do 2º ano, menos duas (se o aluno não tem disciplinas em atraso), ou menos uma (se só tem uma em atraso).

Obs.: Para os efeitos indicados no número precedente, não são levadas em conta as classificações mais baixas obtidas pelo aluno até à data.

Notas:

I - O regulamento dos estágios da FLUP, com a fórmula para o cálculo da classificação final, encontra-se publicado na Port. 659/88.

II - Os alunos devem ler com cuidado todos os avisos afixados sobre esta matéria antes de se dirigirem à Secretaria.

III - Informa-se que a Unidade de Apoio aos Alunos Deficientes (UAAD), da Pró-Reitoria da Universidade (Acção Social Universitária e Assistência Médica), presta apoio psico-social e médico-pedagógico aos estudantes invisuais. Neste âmbito a UAAD promove também a passagem de textos de apoio em Braille, com a colaboração da Associação de Cegos do Norte de Portugal.

No que concerne a aquisição do material específico, por parte destes alunos, dispõem os mesmos de cassetes, a preço mais acessível, no Centro de Documentação e de material didáctico dos Serviços Sociais da Universidade do Porto (SSUP).

Mais se informa que a Pró-Reitoria aguarda uma resposta da Biblioteca Pública Municipal do Porto, sobre uma proposta de colaboração para a gravação de textos de estudantes invisuais da Universidade do Porto.

2. CURSOS DE TRADUÇÃO - Para alunos de LLM (Port. 850/87):

Regime transitório:

a) possibilidades:

Variante de Est. Port/Ingl - Trad. Port./Ingl.
" Est. Port./Franc. - Trad. Port./Franc.
" Est. Franc./Ingl. - Port./Ingl ou Port./Franc.
" Est. Ingl./Alem. - Port./Ingl. ou Port./Alem.;

b) podem candidatar-se os interessados que possuam a licenciatura nas variantes atrás indicadas (e nas condições fixadas na Port. 850/87), devendo fazê-lo nos dois primeiros concursos abertos após a conclusão desse grau.

Regime normal - 3° e 4° anos de todas as variantes de LLM com línguas estrangeiras

a) Possibilidades: todas as variantes de LLM que integrem línguas estrangeiras.

b) Critérios de selecção:

os candidatos devem estar em condições de passagem para o 3° ano (isto é, com o máximo de duas disciplinas em atraso e desde que nenhuma delas seja a língua em que o interessado pretende fazer o Curso de Tradução).

****

INDICAÇÕES ACADÉMICAS (Síntese):

1. No prazo de 7 dias a contar da afixação do respectivo aviso (ou pauta) ou da data do correio, os alunos devem dar cumprimento aos deferimentos favoráveis exarados nos requerimentos que tenham apresentado à Faculdade.

2. Reingressos, transferências, mudanças de curso:
Editais afixados em 8 de Outubro (inclusive)
Inscrições: de 9 a 15 de Outubro (inclusive)
Reclamações: de 9 a 15 de Outubro (inclusive)

3. Mudança de variante em LLM: os pedidos dos alunos da FLUP só podem ser considerados depois de terem completado todas as disciplinas do 1º ano em que se inscreveram.

4. Curso de Ciências Documentais (pós-graduação) - as disciplinas em atraso do curso anterior podem ser feitas no curso seguinte.

Notas:

1. Para as restantes informações, devem os alunos consultar o folheto Indicações Úteis aos Alunos, difundido gratuitamente pela Universidade do Porto.

2. Chama-se a especial atenção dos alunos para os avisos sobre a micro-radiografia.

****

NORMAS DE AVALIAÇÃO

(Aprovadas pelo Conselho Pedagógico em 19.7.91)

No desempenho das funções que lhe competem segundo os Estatutos da Universidade do Porto e os Estatutos da Faculdade de Letras e de acordo com a legislação em vigor, o Conselho Pedagógico aprovou as Normas de Avaliação de Conhecimentos para o ano lectivo de 1991-1992. Estas Normas contêm algumas alterações de fundo relativamente às normas vigentes no ano anterior, por se ter entendido que era necessário reajustar alguns dos critérios às necessidades que a prática pedagógica demonstrou existirem. Em alguns outros casos entendeu-se por bem ser-se mais claro e rigoroso na formulação dessas mesmas normas; finalmente, o Conselho achou útil reordenar as várias cláusulas, a fim de tornar mais simples e operacional a sua consulta.

Art° 5 - Exigência de presença às aulas

1. A avaliação contínua obriga à presença do aluno no mínimo em 2/3 das aulas.

2. A presença dos alunos é verificada pela assinatura de folhas de presença, sob a responsabilidade do docente.

3. Na situação dos números 3 e 4 do artigo 4°, os alunos ficam obrigados a este regime de presenças apenas em relação às aulas práticas.

Art° 6 - Inscrição e desistência

1. A inscrição nesta modalidade de avaliação é feita no decurso do primeiro mês de funcionamento da disciplina.

2. Os alunos podem desistir da avaliação contínua, tendo direito a submeter-se à avaliação final na época normal primeira época, até ao fim do primeiro período de avaliação periódica, no caso das línguas vivas; e até à primeira aula da disciplina a seguir às férias da Páscoa, nas restantes disciplinas.

3. A desistência efectua-se por comunicação escrita, datada e assinada e entregue pessoalmente ao professor.

Art° 7 - Reprovação e direito à época de recurso

1. O aluno que obtenha classificação negativa em avaliação contínua é considerado reprovado, tendo no entanto direito a realizar exame final na época de recurso nas condições fixadas pela lei geral e conforme o estipulado nos artigos 13° e 15° das presentes normas.

C. AVALIAÇÃO PERIÓDICA

Art° 8 - Tipos de provas

1. O número de provas a realizar é no mínimo de duas, sendo uma obrigatoriamente na presença do docente e podendo a outra ser um trabalho realizado fora da aula, desde que previamente acordado entre docente e aluno.

2. Nas disciplinas em que se entenda necessária a realização de trabalhos práticos ou de campo, estes terão um estatuto próprio e a sua realização deve ser previamente acordada entre docente e alunos, assim como os critérios e a ponderação da avaliação respectiva.

3. Quaisquer outras provas, orais e escritas, que venham a ser realizadas no âmbito de cada disciplina são facultativas excepto no caso das línguas vivas conforme o estipulado no artigo 12°.

4. As provas só podem incidir sobre matéria leccionada até 8 dias

antes da sua realização.

5. Sempre que as classificações das provas que excedam o número mínimo de duas sejam consideradas para efeito de média final, devem ser publicadas em pauta como as restantes.

Artº 9 - Repescagem

1. Os alunos em avaliação periódica têm direito, nas condições abaixo indicadas, a uma prova de repescagem a realizar simultaneamente com a primeira chamada do exame final da época normal.

2. A nota de uma das provas de avaliação periódica tem dc ser obrigatoriamente positiva para o aluno poder realizar a prova de repescagem.

3. Os alunos que tenham obtido uma nota igual ou inferior a sete valores numa das provas, ou a ela tenham faltado, têm direito a repescagem sobre a matéria respeitante àquela prova nas condições do ponto 2.

4. Não realizam prova de repescagem os alunos que tenham obtido numa das provas 8 ou 9 valores desde que a média final das notas seja positiva.

5. A nota obtida na prova de repescagem anula a nota da prova que substitui.

6. Em caso algum a prova de repescagem se destina a melhoria de nota.

7. Para que os alunos se considerem aprovados em avaliação periódica, a média final tem de ser positiva e em nenhuma das provas obrigatórias a nota pode ser igual ou inferior a sete valores.

Artº 10 - Inscrição e desistência

1. A inscrição do aluno nesta modalidade de avaliação considera-se efectiva pela sua presença na primeira prova de avaliação periódica.

2. Alunos que não compareçam à primeira prova, mas queiram optar por esta modalidade de avaliação, devem informar o responsável da cadeira até dez dias úteis após o reinício das aulas.

3. Presume-se que um aluno que não cumpra com o disposto em nenhum dos dois pontos acima referidos optou pela modalidade de avaliação final.

4. Um aluno que não compareceu à segunda prova de avaliação periódica perde, por isso, o direito a esta modalidade de avaliação salvo se comunicar ao professor até três dias úteis após a realização da mesma que tenciona manter-se nesta modalidade.

5. Presume-se que um aluno que não cumpra com o procedimento referido no ponto 4 deste artigo optou pela avaliação final.

6. A desistência de uma prova durante a sua realização equivale à

G - CONDIÇÕES DE PRESTAÇÃO E CONSULTA DAS PROVAS

Artº 20 - Consulta das provas

1. Os alunos têm direito de consultar as suas provas e outros elementos de avaliação depois de classificadas, desde que na presença do docente.

2. Em caso de prestação de prova oral os alunos têm o direito de conhecer a classificação da prova escrita correspondente.

3. Caso o Conselho Pedagógico considere existir alguma irregularidade processual nas classificações ou lhe seja remetido algum requerimento apontando tais irregularidades, tomará as providências que entender necessárias no sentido de resolver a situação.

Artº 21 - Condições de prestação de provas e casos de fraude

1. No início de cada prova o docente deve informar claramente os alunos acerca das condições de prestação da prova.

2. Em caso de fraude comprovável o docente deve anular a prova e comunicar o facto ao Conselho Pedagógico.

3. Caso haja apenas suspeitas de fraude deve o docente comunicar todas as informações sobre a sua fundamentação ao Conselho Pedagógico, o qual tomará posição depois de ouvidas todas as partes envolvidas.

4. No caso de fraude grave comprovada o Conselho Pedagógico comunicará o facto à secção disciplinar do Senado Universitário.

Artº 22 - Identificação dos alunos no momento de prestação de provas

1. Os docentes encarregados de vigiar quaisquer provas têm o direito de exigir aos alunos documento comprovativo da sua identidade.

2. Os docentes encarregados de vigiar provas de avaliação periódica e exames finais devem fazer circular uma folha de presenças e recolher as assinaturas de todos os alunos presentes; essa folha de presenças devidamente datada e rubricada, deve ser entregue ao docente responsável da disciplina juntamente com as provas respectivas.

H - CALENDÁRIO DE PROVAS

Artº 23 - Direito a reclamação relativa ao calendário de provas

1. Dadas as dificuldades na elaboração do calendário nos cursos com múltiplas variantes, está previsto um prazo para reclamações relativas a

coinciências de provas de disciplina do mesmo ano. O prazo é de 48 horas (dias úteis) depois de afixados o calendário das provas.

2. As reclamações devem ser dirigidas ao Presidente do Conselho Pedagógico e entregues à Secretaria da Faculdade; o Presidente do Conselho Pedagógico delegará num ou mais membros deste Conselho o poder de resolução destas situações.

****

Calendário das provas em 1991-1992
(Aprovado na reunião do Conselho Pedagógico de 12.07.91)

Avaliação periódica:

Primeiras provas: de 10 a 29 de Fevereiro de 1992 (Reinício de aulas: 5 de Março de 1992)

Segundas provas: de 1 a 17 de Junho de 1992. (As orais de línguas vivas poderão recair entre 17 e 25 de Junho de 1992.)

Fim de aulas: 30 de Maio de 1992

Exame final:

Época normal: de 25 Junho a 13 de Julho de 1992. (Entrega de termos até 20 de Julho de 1992.)

Época de recurso: de 10 a 25 de Setembro de 1992

A proposta de as provas das cadeiras específicas do Ramo Educacional serem realizadas dentro do prazo das restantes foi aprovada pelo do Conselho Pedagógico em 19/07/91.

****

PUBLICAÇÕES:

1. REVISTAS

Revista de Faculdade de Letras:

História, II série: 1984 ss.

Filosofia, II série: 1985 ss.

Línguas e Literaturas, II série: 1984 ss.

SOCIOLOGIA INDUSTRIAL E DO TRABALHO

Docente: Dr. Carlos Manuel da Silva Gonçalves

1. Introdução: questões teóricas e metodológicas.

2. Valores e atitudes face ao trabalho.

3. Organização e controlo do trabalho.
3.1. Divisão social do trabalho.
3.2. Organização do trabalho: organização científica do trabalho; Escola de relações humanas; Teoria motivacional, crise da organização científica do trabalho e novas formas de organização do trabalho.
3.3. Problemáticas da resistência e do consenso no trabalho.

4. Trabalho e técnica.
4.1. Técnica como fenómeno social. Crítica do determinismo tecnológico.
4.2. Trabalho, emprego e novas tecnologias.
4.3. Qualificação/Desqualificação do trabalho. A questão da formação.

5. Relações colectivas de trabalho e actores sociais.
5.1. Sindicalismo.
5.2. Associativismo profissional.
5.3. Associativismo patronal.
5.4. Conflitos de trabalho.
5.5. Relações de trabalho em Portugal.

6. Mercado de trabalho: perspectivas teóricas e abordagem do caso português.

BIBLIOGRAFIA

BOYER, Robert (Org.) - La flexibilité du travail en Europe, Paris, La Découverte, 1986

THOMPSON, E. P. - The Making of the English Working Class, Londres, Penguin Books, 1974

THOMPSON, Paul - The Nature of Work, Cambridge, Cambridge Univ. Press, 1979

TOURAINE, Alain - La conscience ouvrière, Paris, Seuil, 1966

"- A sociedade pós-industrial, Lisboa, Moraes Editores, 1970

"- Production de la Société, Paris, Seuil, 1973

TOURAINE, Alain e outros - Le mouvement ouvrier, Paris, Fayard, 1984

Le travail et sa Sociologie. Essais Critiques, Paris, M. Harmattan, 1985

VERNIERES, Michel e outro - Le marché du travail, Paris, Economica, 1985

SOCIOLOGIA DAS ORGANIZAÇÕES

Docente: Drª Maria João Ferreira Nicolau dos Santos

1. Introdução.
1.1. Organizações e sociedade.
1.2. Organizações como unidade social fundamental.
1.3. Delimitação do objecto científico da Sociologia das Organizações.
1.4. Tipologia das Organizações.

2. Teorias das Organizações.
2.1. História e génese da organização industrial do trabalho.
2.2. Abordagem clássica - modelo racional burocrático.
2.3. Escola das relações humanas.
2.4. Abordagem sitémica e sóciotécnica.
2.5. Teorias neoclássicas, estruturalistas e comportamentalistas.
2.6. Teorias das organizações alternativas ou divergentes.

3. Estruturas Organizacionais.
3.1. Natureza e bases das estruturas organizacionais
3.2. Complexidade e divisão do trabalho.
3.3. Organização formal e informal.
3.4. Centralização versus descentralização.
3.5. Tipologias de estruturas organizacionais.

4. Organização como estrutura de acção.
4.1. Cultura de empresa: emergência de um novo conceito.
4.2. Dinâmica cultural nas organizações.
4.3. Aprendizagem cultural e formação de identidades.
4.4. Efeitos culturais da organização.

5. Poder e relações estratégicas na empresa.
5.1. Teoria organizacional do poder (Crozier).
5.2. Natureza do poder nas organizações.
5.3. Fontes de poder.
5.4. Autoridade e formas organizacionais.
5.5. Consequências das relações de poder.

6. Mudança e bloqueio nas organizações.
6.1. Organização e meio circundante.
6.2. Inovação e resistências à mudança.
6.3. Novas tecnologias e mudança organizacional.
6.4. Mudança e intervenção organizacional.

7. Concepção da organização.
7.1. Funcionamento da organização.
7.2. Mecanismos de coordenação.
7.3. Parâmetros de concepção.

BIBLIOGRAFIA ESSENCIAL

BERNOUX - La Sociologie des Organisations, Paris, Ed. Seuil, 1985

CHIAVENATO, I. - Introdução à Teoria Geral da Administração, S. Paulo, MacGraw-Hill, 1983

CLEGG, Dunkerley - Organization, Class and Control, New York, Routle- dge & Kegan Paul, 1980

CROZIER, Friedberg - L'acteur et le Systéme, Paris, Seuil, 1977

CROZIER - Le Phénomène Bureaucratique, Paris, Seuil, 1963

ETZIONI - Organizações Modernas, S. Paulo, Ed. Pioneira, 1967

HALL - Organizações, Estrutura e Processos, Rio de Janeiro, Prentice-Hall do Brasil, 1982

MINTZBERG - Structure et Dinamique des Organisations, Paris, Ed. Agence d' Arc Inc., 1982

"- Le pouvoir dans les Organisations, Paris, Ed. d'Organisation, 1986

MERTON - Estrutura Burocrática de presonalidade, in CAMPOS (org.) Sociologia da Burocracia, Rio de Janeiro, Zahar, 1971

ORSTMAN - Mudar o Trabalho: as experiências, os métodos as condições de experimentação social, Lisboa, F. C. Gulbenkian, 1984

SAINSAULIEU - Sociologie de l' Organisation, Paris, Dalloz, 1987

SILVE rman - The Theory of Organization, London, Heineman, 1970

WEBER - Os fundamentos da organização burocrática: uma construção de tipo ideal, in CAMPOS (org.), Sociologia da Burocracia, Rio de Janeiro , Zahar, 1971

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BATISTA, Novács; ANTUNES - Uma gestão alternativa: para uma sociologia da participação nas organizações, Lisboa, Relógio d'Agua, 1985

CHANARON, Perrin - Science, Technologie et modes d'organisation du travail, "Sociologie du Travail", nº 1, 1986

CHILD - Organizations: A Guide to Problems and Pratice, London, Harper, 1977

ETZIONI - A Comparative Analysis of Complex Organizations, New York, The Free Press of Glencoe, 1966

FERREIRA - Mutuação tecnológica, identidade/não identidade piocos-sociais na organização social do trabalho, in "Organização do trabalho num contexto de mudança", Lisboa, III Encontro Nacional de Sociologia das Organizações e do Trabalho (SIOT), 1987

JESUINO - Factores culturais e estilos de gestão, in "Revista de gestão", ISCTE, Maio, 1985

KATZ, Kahn - Psicologia das organizações, S. Paulo, Ed. Atlas, 1970

KOVÁCS - Tendências culturais da mudança organizacional na indústria: um estado de arte, Projecto JNICT e FCT da UN, 1977

LACUEVA - Desenho de estruturas organizacionais in "Administração de Empresas", Enciclopédia de Direcção, Produção, e Finanças e Marketing, Ed. Nova Cultural, nº 10

LIKERT - The Human Organization, New York, Macgraw-Hill, 1967

"- Le gouvernement participacif de l'entreprise, Paris, Gauthier-Villards, 1974

MONIZ e al - Efeitos sociais das novas tecnologias nas organizações, Lisboa, SIOT/SNOT, 1986

MONTÉ, Goutrat - Pour une nouvelle culture d' entreprise, Paris, Ed. la Découverte, 1986

OUCHI - Teoria Z: como as empresas podem enfrentar o desafio japonês, S Paulo, Nobel, 1986

PIMENTEL - Cultura organizacional e inovação tecnológica, in "Organização do Trabalho num contexto de mudança", Lisboa, III Encontro Nacional de Sociologia das Organizações e do Trabalho, 1987

SAINSAULIEU - L'identité au Travail, Paris, CRNS, 1977

SAINSAULIEU, Segrestin - Vers une théorie sociologique de l' entre-pise, "Sociologie du Travail", nº 3, 1986

VERGÉS - Estrutura das organizações, in "Administração de empresas", Enciclopédia de Direcção, Produção, Finanças e Marketing, Nova Cultural, nº 10, 1986

SOCIOLOGIA DA CULTURA E DA COMUNICAÇÃO

Docente: Drª Dulce Maria da Graça Magalhães

1. CULTURA E SOCIEDADE.

1.1. Concepção sociológica de cultura .

1.2. Formas, níveis e diversidades de culturas.

1.2.1. Cultura ou culturas?

1.2.2. Estruturas sociais e sistemas de representação.

1.2.3. Necessidades e aspirações culturais.

1.2.4. Identidade cultural versus trasposição da cultura e alargamento do campo cultural - as lutas simbólicas.

1.3. A criação cultural.

1.3.1. A distinção entre consciência real e consciência possível.

1.3.2. A correspondência entre a produção de bens culturais e a produção de gestos.

1.4. A cultura como praxis na realidade social portuguesa - o processo de produção de sentido.

1.4.1. Práticas e consumos culturais quotidianos.

1.4.2. Funções expressivas e apropriação social de práticas culturais.

1.4.3. A dinâmica da mudança: processos sociais de dissolução-conservação sócio-culturais.

2. A PRODUÇÃO SOCIAL DA COMUNICAÇÃO

2.1. Contexto e significação.

2.2. Comunicação conflituosa.

2.2.1. Características e objectivos do "combate verbal".

2.2.2. Regras do discurso conflituoso.

2.3. Comunicação de massa.

2.3.1. Características e linguagem dos media.

2.3.2. Mass-media e cultura de massa versus cultura clássica -o funcionamento do saber na sociedade de consumo.

2.3.3. Democratização da cultura na sociedade de consumo.

2.3.4. O poder dos mass-media.

2.3.5. Relação entre comunicação de massa e sistema político e social.

III. A DIMENSÃO REGIONAL DAS POLÍTICAS COMUNITÁRIAS

1. Principais evidências empíricas: a questão regional, hoje, na Europa Comunitária.

1.1. Breve introdução à problemática dos eixos de desenvolvimento espacial europeu: triângulo central europeu, eixo mediterrânico, arco atlântico e abertura a leste.

1.2. Os desiquilíbrios regionais: indicadores, evolução e natureza.

1.3. Estratégias nacionais e projecto europeu: que papel para a questão regional?

1.4. A problemática transfronteiriça como forma particular de relacionamento inter-regional.

2. A política regional comunitária: sua evolução, principais marcos e instrumentos de intervenção.

2.1. A problemática regional no período anterior a 1975: carácter secundário da política regional.

2.2. A emergência da política regional comunitária: a criação do FEDER e do COMITE DE POLÍTICA REGIONAL após o primeiro alargamento (Dinamarca, Reino Unido e Irlanda)

2.3. A modificação do Regulamento FEDER e a evolução até à recente Reforma dos Fundos Estruturais.

2.4. Implicações regionais de outras políticas comunitárias e coordenação dos diferentes instrumentos.

2.5. Os programas Integrados Mediterrânicos (PIM's).

2.6. As abordagens integradas de desenvolvimento e a problemática do desenvolvimento endógeno.

3. A Reforma dos Fundos Esttruturais de 1989 e as novas perspectivas de aplicação da política regional.

3.1. Significado global da Reforma no contexto do projecto de concretização do mercado único europeu: os princípios da convergência económica e da coesão económica e social.

3.2. Os novos regulamentos (FEDER, FSE, FEOGA e coordenação de fundos).

3.3. As novas relações Comunidade-Estados membros no âmbito da política regional; as políticas de partenariado; papel das autoridades regionais e locais.

3.4. A importância das políticas e dos programas de fomento da investigação científica e tecnológica.

4. Breve reflexão final sobre as implicações do novo cenário da política regional comunitária para Portugal e para as regiões portuguesas.

BIBLIOGRAFIA:

I.

ARMSTRONG, Harvey e TAYLOR, Jim - "Regional Economics and Policy", Philip Allan, Londres, 1986, pp. 188-225

BARQUERO, António Vásquez - La Politica regional en tiempos de crisis, Reflexiones sobre el caso español, Estudios Territoriales, nº15-16, 1984, pp. 21-37

LOPES, A. Simões - Desenvolvimento: desenvolvimento regional, Boletim da Faculdade de Direito, Coimbra, 1978

"- "Desenvolvimento Regional", 1980, pp.9-23 e 303-319

"- Regionalização e desenvolvimento, Estudos de Economia, 1982, vol. II, nº4

MASSEY, Doreen - In what sense a regional problem?, Regional Studies, vol. 13, 1979, pp.233-243

SCASSO, Rafael de Heredia - La Planificación estrategica y la ordenación territorial, Estudios Territoriales, nº6, 1982, pp.19-40

WADLEY, David - "Restructuring the regions", OCDE, Paris, Capítulo III

II.

BOUDEVILLE, J. - "Aménagement du territoire et polarisation", Éditions Génin, Paris, 1972, pp. 15-36 - 205-210

ESTEVES, Mº do Céu - Teoria Clássica dos lugares centrais, "Desenvolvimento", nº1, Lisboa, 1984

DARWENT, D. F. - Growth poles and growth centers in Regional Planning: a review, Environment and Planning, vol.1, nº1, 1969

PENOUIL, M. - L'espace et le développement économique: des apports de J.R. Boudeville aux interrogations contemporaines, in J. Paelinck e A. Sallez - "Espace et localisation", Economica, 1983, pp. 73-93

HANSEN, Niles - Regional Consequences of structural changes in the national and international division of labour, "International Regional Science Review, vol. 11, nº2, 1988

GAROFOLI, Gioacchino - L'industrialisation difuse et petite entreprise: le modèle italien des années 70, in "Irep, secteur informel et industrialisation diffuse dans les nouveaux pays industriels, Grenoble, 1985

3.1. Delinquência e culturas de delinquência.

3.2. O actual problema da droga e suas derivações.

3.3. Conflitos interraciais: algumas questões dos neorracismos.

3.4. As novas formas de pobreza urbana.

3.5. Grupos sociais estigmatizados: os toxicodependentes, a terceira idade e as domésticas.

4. Uma abordagem mais ampla; A coexistência de subculturas e contraculturas no tecido urbano actual.

BIBLIOGRAFIA

ALEXANDER, Jeffrey C. - Las Teorias Sociologicas desde 1ª Segunda Guerra Mundial, serie cla.de.ma, ed. Gedisa, 1ª ed., Barcelona, 1989

BERGERET, Y. - Toxicomanie et realité, ed. PUF, Paris, 1980

BECKER - Outsiders, studies in the sociology of deviance, The Free Press, New York, 1966

BESSETTE, Jean M. - Sociologie du crime, col. le sociologue, ed. PUF, 1ª ed., Paris, 1982

BULMER, Martin - The Chicago School of Sociology, col. The Heritage of Sociology, The University of Chicago Press, Chicago, 1984

CASTELLS, Manuel - Problemas de Investigação em Sociologia Urbana, Biblioteca de Textos Universitários, Ed. Presença, nº12, Lisboa, 1975

"- La question urbaine, Ed. Maspero, Paris, 1978

COHEN, Albert - Deviance and Control, Foundations of Modern Sociology Series, prentice Hall, Inc., Englewood..., New Jersey, 1966

COSER, Lewis A. - Les Fonctions du Conflit Social, col. Sociologies, ed. PUF, Paris, 1982

CUSSON, M. - Croissance et Décroissance du Crime, col. Sociologies, ed. PUF, 1990

DIAS, J., Andrade - Criminologia - O homem delinquente e a sociedade criminógena, Coimbra eds., Coimbra, 1982

DURKHEIM, E. - As Regras do Método Sociológico, Bibl. de Textos Universitários, ed. Presença, 2ª ed., Lisboa, 1984

"- A Divisão do trabalho Social, Bibl. de Textos Universitários, ed. Presença, 2ª ed., Lisboa, 1985

FERNANDES, A. Teixeira - A Eutanásia como Fenémeno Social, in separata da Revista da Faculdade de Letras, série Filosofia, nºs 5-6 2ª série, eds. FLUP, Porto, 1988-89

FOUCAULT, Michel - Surveiller et Punir, Bibliothéque des Histoires, NRF, Ed. Gallimard, Paris, 1975

GOFFMAN, Erving - Estigma - notas sobre a manipulação da identidade deteriorada, 4ª ed., Bibl., de Ciências Sociais, ed. Zahar, Rio, 1982

"- Asiles - études sur la condition sociale des maladies mentaux, Col. le sens commun, Ed. du minuit, Paris, 1968

"- La mise en Scène dans la Vie Quotidienne, vol. I, II, Col. le sens commun, Ed. du Minuit, Pairs, 1973

HERPIN, Nicolas - A Sociologia Americana - escolas e práticas, Bibl. das Ciências do Homem, Ed. Afrontamento, Porto, 1982

HOROWITZ, Donald - Ethnic groups in Conflit, University of California, New York, London, 1985

LEFEBVRE - Le droit a la ville, coll. Points, Ed. de Minuit, Paris

LENOIR, René - Les exclus, Col. Points Actuels, Ed. du Seuil, Paris, 1974

LOWE, Stuart - Urban Social Mouvements - the city after Castells, Coll. Sociology, politics and cities, Ed. Macmillan, London, 1986

MATTHEWS, R.; YOUNG, J. (eds.) - Confronting crime, Sage Publ., London, 1986

MEIER, C. et allii - Sociology of Deviant Behaviour, ed. Holt Rimehartand Winston, London, s/data.

MIRONESCO, C. - La Logique du Conflit, Col. Regards Sociologiques, Eds. Pierre Marcel Favre, Lausanne, 1982

MERTON, Robert - Sociologia - teoria e estrutura, Eds. Mestre Jou, São Paulo, 1970

"- A Ambivalência Sociológica e outros ensaios, col. Bibl. de ciências Sociais e Antropologia, Ed. Zahar, Rio, 1979

PARADEISE, C.; LEMEL, Y. - La Sociabilité, Ed. Institut National de la Statistique et des Études Economiques, I.N.S.E.E., Paris, 1967

PARSONS, Talcott - The Structure of Social Action, A Free Press Paperback and Macmillan Publishing. Co. inc., vol. I, New York, London, 1968

PINÇON, Michel, et allii - Ségregation Urbaine, Ed. Antrophos, Paris, 1987

SILBEY, David - Outsiders in Urban Societies, Ed. Basil Blacwelkl, Oxford, 1981

SIMÕES-RAPOSO, Luísa M. - Droga e Justila Penal, Minsitério da Justiça - Gab. de Planeamento e Coordenação do Combate à Droga, Lisboa, 1988

ÍNDICE

Sociologia Industrial e do Trabalho 1

Sociologia das Organizações 5

Correntes Actuais da Sociologia 8

Direito do Trabalho e Gestão do Pessoal 10

<u>Opções</u>

Sociologia da Cultura e da Comunicação 1

Ordenamento do Território e Planeamento Regional 3

Sociologia da Família e da Juventude 9

Estrutura Urbana e da Conflitualidade 11